



## Mineiridade, patrimônio histórico e turismo no Caminho Velho da Estrada Real

### Historical Heritage and Tourism on the Old Way of Estrada Real (Royal Road)

**Alexandre Gomes Nicki**

#### RESUMO

Este trabalho inspirou-se na curiosidade acadêmica sobre a natureza e o significado da mineiridade como construção simbólica do ser mineiro e o reflexo no turismo do Caminho Velho da Estrada Real. O objetivo é, portanto, analisar a construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real, na percepção de turistas. Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, com a utilização de entrevistas como estratégia de coleta de dados. Foram entrevistados dez turistas em dez cidades selecionadas no Caminho Velho da Estrada Real. Para análise dos dados utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, estabelecendo três categorias de análise: Conhecimento acerca da Estrada Real, Governo e (des)governo no percurso da Estrada Real, Imagem e cultura: a cidade na percepção dos entrevistados. Os resultados indicaram que reconhecer um espaço como turístico é uma construção histórica e cultural. Dessa forma, na rota cotidiana das cidades mineiras que estão presentes no Caminho Velho da Estrada Real transparece a vivência, os símbolos e a memória de homens e mulheres de épocas diversas, sendo inflamadas pela mineiridade. Assim, o discurso da mineiridade é apropriado de modos variados. As maneiras de ver, viver e assistir são construtos socialmente ancorados, o que revela que a mineiridade é diversamente apropriada nas diferentes regiões culturais.

**Palavras chaves:** Minas Gerais, Brasil, Estrada Real, Mineiridade, Turismo.

#### ABSTRACT

This work was inspired by academic curiosity about the nature and the meaning of mining as a symbolic construction of being from Minas Gerais and the reflection in tourism of Old Way this Estrada Real. The objective is, therefore, to analyze the historical and cultural construction of the image of Old Way this da Estrada Real, in the perception of tourists. Methodologically, a descriptive research with a qualitative approach was carried out, using interviews as a data collection strategy. Ten tourists were interviewed in ten selected cities on Old Way this Estrada Real. For data analysis, the content analysis technique was used, establishing three categories of analysis: Knowledge about Estrada Real, Government and (de) government in the route of Estrada Real, Image and culture: the city in the perception of the interviewees. The results indicated that recognizing a space as a tourist is a historical and cultural construction. Thus, in the daily route of the mining towns that are present in the Old Way this Estrada Real, the experience, the symbols and the memory of men and women of different times, are ignited by mining. Thus, the mining discourse is appropriated in different ways. Ways of seeing, living and watching are socially anchored constructs, which reveals that mining is diverse in different cultural regions.

**Key-words:** Minas Gerais, Brazil, Estrada Real, Mineiridade, Tourism.

## INTRODUÇÃO

O Estado de Minas Gerais caracteriza-se por ser dinâmico em representações sociais e tradições de uso dos seus espaços quanto ao modo de viver e conviver de seu povo. A mineiridade faz-se presente no imaginário social relacionado ao costume mineiro que lhe é próprio, tal como representada em diversos roteiros turísticos e pela literatura. O conhecimento da história e a preservação do patrimônio são elementos essenciais para a perspectiva do turismo cultural. Desta forma, percorrer os caminhos coloniais mineiros, bem como pelos caminhos das Estradas Reais, é perceber traços marcantes da cultura de Minas Gerais associadas à mineiridade.

Decifrar Minas Gerais é tarefa complexa. Decifrar povos, culturas e identidades é sempre um desafio que perpassa por muitas subjetividades, apesar de haver fatos e dados estatísticos ou de outros tipos de pesquisas que analisam e tentam criar características peculiares a cada um. Encontrar um grupo coeso e coerente de características capazes de identificar o que é ser mineiro (qual a construção simbólica do mineiro) é uma busca que pode tomar vários caminhos (Pernisa, 2011).

De acordo com Afonso, Martino, Boas, Podestá e Félix (2015), percorrer Minas Gerais é vislumbrar um riquíssimo patrimônio histórico e cultural e a diversidade geográfica e biológica do estado único e multifacetado. Entretenimento e conhecimento andam juntos nessa caminhada. Minas é um

*Minas é um amplo mosaico de arte e da arquitetura, grandiosas em todos os estilos de época, do Barroco ao Modernismo. A singela e a espontaneidade do artesanato e da arte popular. O folclore e a religiosidade se encontram em emocionantes demonstrações de fé, que produzem magníficos e originais espetáculos nas igrejas e ruas.*

amplo mosaico de arte e da arquitetura, grandiosas em todos os estilos de época, do Barroco ao Modernismo. A singela e a espontaneidade do artesanato e da arte popular. O folclore e a religiosidade se encontram em emocionantes demonstrações de fé, que



produzem magníficos e originais espetáculos nas igrejas e ruas. Na natureza, há o cerrado, a caatinga e a mata atlântica, que afloram entre as bacias hidrográficas e sobre os maciços da Mantiqueira, da Canastra e do Espinhaço. Estão lá, também, as sempre misteriosas cavernas, onde as águas e o tempo desenharam paisagens estonteantes. Há ainda a gastronomia típica, que é um elemento que dá significado à essas terras e à mineiridade. A essência dessas vastas terras e a diversidade mineira formam uma unidade singular: Minas Gerais não se excluem, completam-se.

Neste ponto, apoiado na importância da construção e promoção da imagem local para o turismo, o conceito e a finalidade do turismo cultural se alinham com o objeto de estudo eleito para este trabalho: o Caminho Velho da Estrada Real, localizado no estado de Minas Gerais. Em janeiro de 1999, o governo do estado aprovou a Lei 13.173, que instituiu o Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real. Ressalta-se que esse espaço é visto como sede da ação, onde se processa o desenvolvimento econômico, social e cultural, sendo produto da herança histórica. O percurso denominado "Estrada Real" foi originalmente utilizado por bandeirantes, escravos, tropeiros e aventureiros interessados na exploração das riquezas das Minas Gerais dos séculos XVII a XIX. Atualmente, o percurso passa por 179 cidades e distritos, em seus 1.630 quilômetros de extensão, sendo que dessas, 163 estão localizadas em Minas Gerais, 8 no Rio de Janeiro e 8 em São Paulo (Barbará, Leitão & Fontes Filho, 2007).

De acordo com Costa (2005), a Estrada Real é um importante marco do período colonial brasileiro. O fluxo de viajantes ao longo de seus quatro caminhos: — Caminho Velho, Caminho Novo, Caminho dos Diamantes e Caminho de Sabarabuçu — favorece não só o turismo na maior rota turística do País, como também outros setores da indústria e de serviços. Ao longo dos caminhos, o turista pode usufruir uma rica paisagem cultural, que reúne significativo patrimônio histórico material e imaterial, constituída de elementos naturais e artefatos agenciados pela mão humana, representados por construções isoladas na área rural, inúmeros vilarejos e distritos que fazem parte das cidades que foram, um dia, as vilas mineradoras e que deram identidade às Minas Gerais.

Tendo em vista as argumentações apresentadas até então, este estudo busca responder à seguinte questão norteadora da pesquisa: Como ocorre a construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real, na percepção de turistas?

O principal objetivo deste artigo é analisar a construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real, na percepção de turistas. Isso ocorrerá por meio de entrevistas, análise das respostas com comparação entre as respostas e a pesquisa bibliográfica.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva. Para Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é a mais apropriada quando se almeja estudar um tema em profundidade, bancando um meio de investigar e entender os sentidos que as pessoas conferem a uma problemática social ou humana. Godoy (2006), explica que na pesquisa qualitativa não se enumeram ou medem os fenômenos averiguados, em razão de se ponderar a relevância dos aspectos do contexto natural como meio de coleta de informações.

O trabalho consiste em estudo de caso em dez cidades localizadas no Caminho Velho da Estrada Real Ouro Preto, Congonhas, Tiradentes, São João Del-Rei, Carrancas, Caxambu, São Lourenço, Pouso Alto, Itamonte e Passa Quatro. Inicialmente fez-se uma pesquisa exploratória onde se buscou um maior contato e um melhor entendimento sobre as relações existentes entre turismo e mineiridade no Caminho Velho da Estrada Real, que foi utilizado para dar embasamento à entrevista que foi aplicada em dez turistas pelas cidades selecionadas. Após as entrevistas, foram realizadas as análises das respostas com as devidas observações acrescentadas, permitindo avaliar a percepção dos turistas e as categorias definidas *a posteriori*.

A presente pesquisa estrutura-se em cinco seções, incluindo a presente introdução (a primeira delas). A segunda refere-se à fundamentação teórica, onde se aborda: Minas muitas, Minas uma com tudo o que existe, a cultura mineira nas relações intersubjetivas, o essencialismo identitário do mineiro e as memórias históricas sobre Minas Gerais e mineiridade. Na terceira seção é apresentado o percurso metodológico seguido no estudo. Na quarta seção são apresentadas análise e discussão dos dados e, por fim, na última seção, são expostas as considerações finais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A presente seção tem como objetivo apresentar o referencial teórico que serve de base para o desenvolvimento deste estudo. Os conteúdos apresentados são os seguintes: “Minas muitas, Minas uma com tudo o que existe”; “A cultura mineira nas relações intersubjetivas”; “O essencialismo identitário do mineiro” e “As memórias históricas sobre Minas Gerais e mineiridade”.

### **Minas muitas, Minas uma com tudo o que existe**

Apesar da diversidade encontrada no estado de Minas Gerais (sul influenciado por São Paulo; norte influenciado pela Bahia; Triângulo Mineiro, por Goiás; Zona da Mata, pelo Rio de Janeiro e a região central, pela capital do estado), parece haver um consenso entre os estudiosos da identidade mineira sobre a existência de dois períodos históricos que formam a base do ser mineiro. Essa origem influenciou, e ainda influencia a mente e a imaginação de intelectuais, poetas e cronistas, acabando por manter uma série de identificações para o mineiro. O primeiro desses períodos seria o século XVIII, conhecido como o “Século do Ouro”, que promoveu intensa vida urbana em torno das minas, nascendo os arraiais, vilas e povoados, que congregaram indivíduos de várias localidades, níveis sociais, credos e etnias. O segundo seria justamente a decadência desse período, quando as minas começaram a dar sinais de esgotamento, promovendo o deslocamento da população em busca de outras possibilidades de sobrevivência, o que contribuiu para o processo de ruralização econômico, político e social. Entre esses dois momentos, também aparece o movimento dos inconfidentes, marcando, de certa maneira, a transição entre a riqueza e a pobreza da região (Pernisa, 2011).

Segundo Vasconcellos (1981), a formação social de Minas Gerais e, por conseguinte, da cultura mineira — a mineiridade — está fortemente vinculada ao período da mineração como atividade socioeconômica. As primeiras notícias sobre a descoberta do ouro na região das minas datam do final do século XVII. Levadas com rapidez, espalharam-se pelo Brasil e, céleres, chegaram a Portugal. Entre 1705 e 1750, os livros de navegação

registraram a saída de dez mil pessoas da metrópole em direção à colônia, grande parte delas com o sonho do ouro mineiro na algibeira. Com o passar do tempo, a administração portuguesa começou a se impor em um território que até então não lhe interessava, e os pequenos povoados tornam-se vilas que ganharam autonomia em relação à capitania de São Paulo: nasceu em 1720 a capitania de Minas Gerais.

Só a procura de caracterizações peculiares pode conduzir à compreensão da cultura local, manifestada singularmente na segunda metade do século XVIII quando, em 1720, elevou-se à condição de capitania autônoma (independente de São Paulo e Rio de Janeiro), período que determina as raízes da sociedade e da subcultura regional. A produção e a exportação de açúcar para o mercado europeu foram as principais atividades econômicas brasileira no século XVI e começo do XVII (Fausto, 2002).

Para Iglésias (1992), o desbravamento de todo o território mineiro é que tornou Minas

*A criatividade é uma qualidade histórica que acompanha a trajetória desse povo e está presente na música, na literatura, nas artes plásticas e cênicas, na arquitetura, na culinária e nas manifestações populares e folclóricas.*

Gerais o estado mais povoado do País. As estimativas davam conta que de 30.000 pessoas, no início do século XVIII, passaram a ser mais de 400.000 no final do século. Entre 1500 e 1822, foram criadas em todo o Brasil 210 vilas, 159 só na região

aurífera. Segundo afirma Sebastião Martins (1992, p. 21), “Minas foi urbana antes de ser rural”.

Iglésias (1992) ressalta que no século XVIII, a Inconfidência Mineira, de 1789, foi um dos eventos da história colonial brasileira de maior repercussão e conhecimento popular. Segundo o autor, foi abordada de várias maneiras diferentes. Há quem a defina como um movimento que buscava a liberdade da colônia portuguesa em relação à metrópole. Outros já esboçam contornos mais regionais, atribuindo sua "quase" eclosão ao descontentamento da população de Minas com a excessiva carga tributária imposta pelo governo português. Assim, foi um dos movimentos contestadores mais importantes do Brasil Colônia, precursor do fim do sistema colonial, contra o aumento do fisco e as rígidas formas de opressão sobre escravos, trabalhadores e mineradores.



Vasconcelos (1981, p.74) aponta alguns aspectos característicos do povo mineiro, primeiro, pelo seu espaço geográfico, seu “ilhamento ensimesmado”, quando explica que essa gente cercada por todos os lados, “não de águas, mas de terras; terras que atravessamos nas nossas distantes incursões, levando, porém, sempre conosco, o nosso mundo peculiar, característico e inassimilável”. Muitas coisas da vida mineira se explicam pelo fato de Minas ser um estado central.

A distância até o litoral possibilitou ao povo mineiro desenvolver autonomia e singularidade de técnicas construtivas e materiais. Com traços físicos muito diversos, seus cidadãos, em geral, têm em comum uma personalidade forte, idealismo, coragem, espírito de liderança, alma sensível e religiosa. A criatividade é uma qualidade histórica que acompanha a trajetória desse povo e está presente na música, na literatura, nas artes plásticas e cênicas, na arquitetura, na culinária e nas manifestações populares e folclóricas. A diversidade cultural de Minas Gerais é uma das riquezas e um dos patrimônios mais importantes do Brasil (Vasconcellos, 1981).

### **A cultura mineira nas relações intersubjetivas**

Segundo Geertz (1989), a concepção de cultura suscita algumas perspectivas diferentes diante de alguns postulados teóricos. O autor concebe a cultura como “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989, p. 103). Esse padrão de significados que é passado de geração a geração (intergeracional), compõe parte das relações intersubjetivas do grupo familiar. A cultura se expressa nessas relações intersubjetivas por permitir compreender, no plano histórico da herança, as concepções ou ideais de um grupo, para que haja harmonia e combinação de elementos determinantes do repertório existencial de uma família. Assim, a família mineira é marcada por sua história cultural singular e composta de sujeitos com histórias singulares em relação a outros grupos.

Se é árdua a tarefa de encontrar definições que representem a cultura mineira, igualmente complexo é definir as referências e características culturais peculiares ao grande estado de Minas Gerais. Trata-se de um estado que sabe usar todas as suas influências e atrair olhares para a região, o que resulta na produção de uma sociedade bastante autêntica em suas manifestações e expressões culturais. Desafiante, ainda, em poucas páginas é sintetizar o que tantos estudiosos, escritores, artistas e viajantes tentaram expressar e narrar, ao longo de três séculos de história sobre essa gente tão especial um forte referencial: o ser mineiro. Seja o sertanejo das gerais, o barranqueiro do rio São Francisco, o índio e todo esse povo que conquistou serras e vales, rios e planaltos. Explicar este “ser mineiro” é falar de seus “coloridos genéricos” e de seus “matizes particulares” (Vasconcellos, 1981, p. 8).

Lima (2000) ressalta que estudiosos, na tentativa de idealizar uma imagem do “ser mineiro”, revelam como referências principais de Minas, a curiosidade, o bom humor, a sobriedade, a simplicidade, a reserva e a discrição nos gestos, nas palavras, no pensamento, nos sentimentos e na vontade. Assim, as características psicossociais mais típicas e genuínas da população mineira, seus valores, tradições e costumes é que se formaria uma suposta identidade mineira que se convencionou chamar de “mineiridade”.

De acordo com Dias (1985), a presença do tema da “Mineiridade” em textos de criação literária revela equilíbrio, simplicidade, eruditismo, centralidade da família, síntese nacional, apego às tradições e conciliação política. Estes são epítetos constantes que aparecem ao longo da história do discurso da mineiridade. Não apenas em nível conceitual e no discurso informativo, mas também nos romances, poemas e memórias, aparecem alusões mais ou menos explícitas ao que é ser mineiro. Sem falar nos escritos de criação que exprimem vagamente a realidade social mineira e a atmosfera espiritual de alguns romances. O mineiro é irônico e se diverte com histórias, como completa Lima:

Tudo em Minas se faz sem pressa. O tempo não conta. Fazem-se as coisas para durar, para permanecer e não para aparecer, para fingir ou para ganhar tempo (...) nem cor, nem andamento, nem gestos, nem palavras, nem nada do que, normalmente, anima a tudo foge em Minas e essa lei suprema da sobriedade que

domina toda a vida por estas paragens. Aqui se vive mais devagar, e por isso mesmo é que tantos corações cansados pelo andamento prestíssimo do nosso século vêm aqui para readquirir forças de viver no meio dessas montanhas (...) (Lima, 2000, p. 33-34).

João Guimarães Rosa<sup>1</sup> autor que criou uma narrativa original na literatura brasileira, utilizando recursos da linguagem oral escrita, regional e arcaica, em seu texto descreve o que é o ser mineiro:

Ser Mineiro é não dizer o que faz, nem o que vai fazer, é fingir que não sabe aquilo que sabe, é falar pouco e escutar muito, é passar por bobo e ser inteligente, é vender queijos e possuir bancos. Um bom Mineiro não laça boi com imbirá, não dá rasteira no vento, não pisa no escuro, não anda no molhado, não estica conversa com estranho, só acredita na fumaça quando vê o fogo, só arrisca quando tem certeza, não troca um pássaro na mão por dois voando. Ser Mineiro é dizer "uai", é ser diferente, é ter marca registrada, é ter história. Ser Mineiro é ter simplicidade e pureza, humildade e modéstia, coragem e bravura, fidalguia e elegância. Ser Mineiro é ver o nascer do Sol e o brilhar da Lua, é ouvir o canto dos pássaros e o mugir do gado, é sentir o despertar do tempo e o amanhecer da vida. Ser Mineiro é ser religioso e conservador, é cultivar as letras e artes, é ser poeta e literato, é gostar de política e amar a liberdade, é viver nas montanhas, é ter vida interior, é ser gente (Rosa, 1992, p. 329).

acompanhando os pensamentos do autor, o ser mineiro representa uma ideia de união e fraternidade no conjunto da população mineira, destacando-a do conjunto nacional, por meio da atribuição narrativa de certos valores, costumes e tradições que lhe seriam específicos. Ainda Rosa (1957, s.p.) descreve:

Aí está Minas: a mineiridade. Disse que o mineiro não crê demasiado na ação objetiva; mas, com isso, não se anula. Só que mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz. Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja. Só, e no mais: sem ti, jamais nunca — Minas, Minas Gerais. Longe do mar, Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas.

---

<sup>1</sup> João Guimarães Rosa (Cordisburgo, 1908 — Rio de Janeiro, 1967) foi um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Os contos e romances que escreveu ambientam-se quase todos no chamado “sertão brasileiro”. Sua obra destaca-se, sobretudo, pelas inovações de linguagem, sendo marcada pela influência de falares populares e regionais, o que, somado à erudição do autor, permitiu a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintáticas.



Arruda (1999) afirma que a hospitalidade do mineiro reflete o espírito acolhedor, sua amabilidade, gentileza, educação, simplicidade, o olhar peculiar sobre as coisas e até certa rusticidade, mas nunca frieza. Para o autor, a perspicácia do mineiro, a agudeza e o equilíbrio próprio ao espírito fornecem-lhe o preparo para se lançar ao futuro e implementar mudanças, inclusive econômicas, por terem “imaginação pronta e espírito ativo.

### **O essencialismo identitário do mineiro**

Para Lima (2000), o que constitui a base do essencialismo identitário do mineiro é a associação ao nível religioso em si. Neste sentido, tem-se que o “sagrado é tudo o que domina o homem, e com tanta mais certeza quanto mais o homem considere-se capaz de dominá-lo” (Girard, 2008, p. 45).

Com base no pensamento durkheimiano, a religião é mais do que a ideia de deuses e espíritos. Assim, a característica fundamental da religião é o sagrado, que é algo magnífico, enquanto seu oposto, o profano, está relacionado às coisas ordinárias e mundanas. Sendo a sociedade a alma da religião, o sagrado só pode aparecer no âmbito social. Este, em um nível superior, sublime, e o profano é a ausência de poder, o vulgar no cotidiano. Por meio das práticas devocionais do catolicismo, seu espírito supersticioso, o sincretismo, o primitivismo cultural, pode-se observar a profundidade da religiosidade entranhada na cultura mineira (Girard, 2008).

Segundo Vasconcellos (1981), o Ciclo do Ouro foi o momento em que, no século XVIII, a extração daquele mineral foi a principal atividade econômica brasileira. O ciclo econômico da mineração dinamizou a sociedade brasileira. Diferente do Ciclo do Açúcar, a riqueza proveniente do ouro não ficou concentrada nas mãos de um único grupo social. Como as riquezas passaram a se concentrar na região Sudeste, a capital da colônia deixou de ser Salvador e passou a ser o Rio de Janeiro, que tornava mais fácil e rápido o acesso às regiões mineradoras. Com o desenvolvimento de cidades como Vila Rica, Mariana e Diamantina, entre outras cidades, apareceram os comerciantes, artesãos, intelectuais, padres, funcionários públicos e outros profissionais liberais.

Ao fim do século XVIII, com o escasseamento das jazidas de ouro, ocorreu em Minas Gerais uma migração para outras áreas em busca de novas alternativas de renda e sobrevivência. As pedras preciosas deram lugar às atividades no setor agrícola. A valorização de produtos como algodão, açúcar e tabaco marcou o estabelecimento do chamado “renascimento agrícola” (Vasconcellos, 1981).

De acordo com a literatura historiográfica, Minas Gerais vivia, em meados do século XIX, sob o estigma do atraso em relação aos áureos tempos da exploração mineral, que colocava o estado em posição desfavorável em relação ao crescimento de outras regiões do país. Com o fim da produção aurífera no século XVIII, a província se viu limitada à produção agrícola, bastante desenvolvida no Sul e na Zona da Mata, e à produção pecuária, no Norte. Já no caso da região central, a produção agrícola era incipiente, comparada a de outras regiões da província (Dulci, 1999).

### **As memórias históricas sobre Minas Gerais e mineiridade**

É na literatura, contudo, que os traços da cultura mineira se encontram de forma mais inflamada. Intelectuais, poetas e ensaístas reforçam e legitimam a “mineiridade” em seus inúmeros trabalhos, tornando-se os verdadeiros autores desse discurso identitário. Muitos insistem numa subcultura regional mineira diferente das demais. Herdeira de momentos históricos fundamentais, como a Inconfidência Mineira, essa subcultura confere ao mineiro um caráter assim descrito por Maria Arminda Arruda, “no destemor, porém suave, elabora-se a personalidade básica dos mineiros, fruto da combinação permanente da impetuosidade na temperança, da força na serenidade, da harmonia na desorganização” (Arruda, 1999, p. 45).

Carlos Drummond de Andrade<sup>2</sup> nasceu em Itabira/MG (cidade cuja memória viria a figurar em grande parte de sua obra). Nas irreveláveis palavras sobre Minas Gerais e mineiridade, escreve sob a forma de poema a palavra *Minas*:

---

<sup>2</sup> Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 31 de outubro de 1902 — Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987) poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Um dos principais poetas da segunda geração do Modernismo brasileiro.



“Minas não é palavra montanhosa. É palavra abissal. Minas é dentro e fundo. As montanhas escondem o que é Minas. No alto mais celeste, subterrânea é galeria vertical varando o ferro para chegar ninguém sabe onde. Ninguém sabe Minas. A pedra o buriti a carranca o nevoeiro o raio selam a verdade primeira sepultada em eras geológicas de sonho. Só mineiros sabem. E não dizem nem a si mesmos o irrelatável segredo chamado Minas” (Andrade, 1992, p. 443).

O poeta construiu um poema dedicado a Minas Gerais. Mas não se limitou ao regionalismo, pois estava mais preocupado em revelá-la ao mundo. Minas deve estar no "fundo", "dentro" de cada um em segredo.

Para Aguiar (2007), Carlos Drummond de Andrade é como um rio que nasce em Minas e deságua no mundo. Em seu curso, inventa cidades, infâncias, pessoas, montanhas e abismos. Nesse trajeto, o poeta articula palavra e memória para lançar um olhar sobre a vida que, de um lado, é desencantado, cético e melancólico e, de outro, é comprometido com a história de seu tempo, com a experiência coletiva e a participação política e social. No rigor de seus versos, Drummond trava a luta dele próprio, que chamou de a mais vã, a luta com as palavras. No entanto, ele lutou a vida inteira, mal rompia a manhã. Representante ilustre do estado de Minas Gerais, Drummond sempre escreveu sobre as memórias históricas do estado. O mineiro das minas e montanhas (Aguiar, 2007).

As memórias históricas sobre Minas Gerais e mineiridade, que produz um já dito sobre questões que são recorrentes na caracterização daquilo que é tido como mineiro, a mineração, a comida, a simplicidade e a natureza, são motivos de propagandas institucionais na televisão. Segundo Pereira (2012), a Globo Minas, uma dessas TVs locais, afiliada à Rede Globo, lançou em seu *site*, no início de 2011, sua campanha institucional, que recebeu o nome de “Minas é o mundo, o mundo da gente”, que traz clipes de músicas de artistas que nasceram ou vivem em Minas Gerais. Nos clipes, a música vem acompanhada de imagens de diversos lugares de Minas e da locução de assinatura que apresenta o nome da campanha e o da emissora. Ainda segundo o *site*, “a diversidade das paisagens, da cultura e da gente de Minas Gerais é o tema de inspiração desta campanha”.

A campanha tinha por função principal chamar a atenção das pessoas para o que há de melhor em Minas Gerais. Para isso, dava grande destaque, tanto à construção de uma imagem de povo pacífico e simples, quanto à força do ouro e do Barroco para a

história do Brasil, apresentando Minas Gerais como o mundo dos mineiros e dos apaixonados pelo estado (Pereira, 2012).

Para Dias (1985), a mineiridade consiste em uma constelação de atributos consignados aos habitantes desse território, a título tanto individual como coletivo. Descreve costumes das famílias; discorre sobre o seu fechamento para o exterior e fala da influência dos portugueses de origem rural na constituição desses costumes domésticos, como elementos diferenciadores do povo mineiro. Na descrição e na interpretação do que é ser mineiro, começam a aparecer determinadas conotações. Os menos elaborados e mais anacrônicos modelos de análise são aqueles que insistem nesses atributos como sendo naturais, que falam em "raça mineira", que ignoram possíveis diferenciações internas sob os pontos de vista ecológicos (sub-regiões) ou de organização social (grupos diversificados e classes).

Ainda com base nos pensamentos do autor, o caráter geográfico (principalmente o aspecto montanhoso) como forte condicionante cultural de Minas é o que também legitima o mineiro. Depois de refutar doutrinadores do determinismo geográfico,

*As cidades históricas, como retrato do estado, são o carro-chefe do turismo mineiro, contribuindo também para o reforço da mineiridade. A religiosidade, com suas procissões, as igrejas católicas, os sinos, a preocupação com a moral, a tradição da família mineira, tudo isso é construído simbolicamente nos livros, nas músicas, na política.*

argumenta que o fator é irrecusável no caso mineiro. Leva em conta a sucessão de montanhas, em que aparecem os municípios como verdadeiros anfiteatros, "separados uns dos outros por antemurais de granito". Por isso, vivem vida à parte. O municipalismo — a consciência de pertencer a uma comunidade de origem — impregna a vida

mineira, fazendo com que qualquer mineiro, por mais nacionalmente ilustre que seja, se faz apresentar sempre como filho deste ou daquele município.

A mineiridade — ou seja, a formulação de um conjunto específico de valores atribuídos a um grupo (Bomeny, 1994, p. 56) — pode ser definida como o termo que traduz a

conjunção de diversos elementos que constituem um povo, tais como, apego à tradição, valorização da ordem, prudência, aversão a posições extremistas e, portanto, o centrismo, a moderação, o espírito conciliador, a capacidade de acomodar-se às circunstâncias e, ao mesmo tempo, efetuar transações, e a habilidade, a paciência como estratégias para o alcance de objetivos políticos com menor custo.

As cidades históricas, como retrato do estado, são o carro-chefe do turismo mineiro, contribuindo também para o reforço da mineiridade. A religiosidade, com suas procissões, as igrejas católicas, os sinos, a preocupação com a moral, a tradição da família mineira, tudo isso é construído simbolicamente nos livros, nas músicas, na política. É reconhecido como a identidade do estado, criando uma comunidade imaginária que talvez possa dar conta da necessidade de se fazer um estado coeso, unido e forte, política, econômica e, por que não, culturalmente. As festas religiosas acontecem com frequência, relatadas pela imprensa, com fiéis fazendo suas penitências e mostrando sua devoção (Pernisa, 2011).

Os “causos” mineiros também são reconhecidos como uma característica peculiar do povo. Eles transparecem um senso de humor discreto e arguto (como o dos ingleses) e, também, a ideia de que o mineiro come quieto, esconde o jogo, faz-se de desentendido para sobreviver.

Apólogo mineiro: o boi velho e o boi jovem, no alto do morro — lá embaixo uma porção de vacas pastando. O boizinho, incontento. Vamos descer correndo, correndo e pegar umas dez? E o boizão, tranquilamente: Não: vamos descer devagar, e pegar todas (Sabino, 1982, p.72).

Rocha (2003) afirma que o discurso da mineiridade tem, sim, muito sentido e prolonga uma tradição riquíssima de cultura e política. Mas a realidade social vem mudando, e nela o discurso perde substância. À medida que a sociedade vai inaugurando novas estruturas sob as quais se organiza – pós-industrialismo, midiaticização da vida social, outros conteúdos culturais, compartilhados em extensões muito maiores do que a realidade regional — vão surgindo novas bases para que os sujeitos organizem suas vidas. Mas, por força do discurso, o “mineiro” será “mineiro” em qualquer lugar, espaço e tempo. Mais do que com o lugar, ele identifica-se com um discurso que fala sobre ele, caracteriza-o, define-o.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa utilizou-se de abordagem descritivo-qualitativa visando analisar a construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real, na percepção de turistas. Quanto aos procedimentos, à investigação foi desenvolvida por meio de um estudo de caso, permitindo reflexões e a compreensão de fenômenos, sejam eles individuais organizacionais ou sociais (Richardson, 1999; Yin, 2001; Gil, 2008).

A unidade de análise foi o Caminho Velho da Estrada Real. Os sujeitos da pesquisa foram dez turistas entrevistados em cidades presentes no Caminho Velho da Estrada Real observando a saturação dos dados (Thiry-Cherques, 2009). Para a coleta dos dados foi utilizada a estratégia de entrevistas semiestruturadas e para acesso aos sujeitos da pesquisa, utilizou-se o critério de conveniência (Collis & Hussey, 2005). A coleta de dados ocorreu de forma individual, no mês de janeiro de 2020, utilizando-se de roteiro semiestruturado. Foi garantido sigilo dos dados coletados a todos os entrevistados, sendo esses identificados por códigos, iniciando em E1 até E10, para fins da análise dos dados.

O roteiro de entrevista, foi composto por 18 perguntas, que buscaram investigar como ocorre a construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real, na percepção de turistas. Para análise dos dados utilizou-se a técnica análise de conteúdo (Bardin, 2011), que consiste na análise categorial da frequência de temas abordados nos relatos das entrevistadas, revelando as representações sociais e juízo de valores (Bardin, 2011). As entrevistas foram gravadas, transcritas e organizadas em categoria e, finalmente, interpretadas. As categorias foram definidas *a posteriori* e relacionados com o referencial teórico.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser realizada em três fases. A pré-análise, a fase em que se realiza a leitura flutuante dos relatos coletados nas entrevistas, buscando a aproximação e familiaridade das informações. Posteriormente, realiza-se a exploração do material, constituindo as categorias e subcategorias dos componentes e extraíndo os conteúdos distintos e semelhantes. Na terceira fase procede-se ao tratamento e interpretações dos conteúdos, sintetizando e evidenciando

as informações para análise, momento em que ocorre a análise reflexiva e crítica da base empírica obtida.

## DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, procede-se à descrição e discussão dos resultados da pesquisa, consistindo em caracterização do perfil sócio demográfico dos entrevistados pesquisadas e a descrição e discussão qualitativa dos dados relativos ao contexto da construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real, na percepção de turistas.

### Caracterização do perfil dos pesquisados

O Quadro 1 apresenta o perfil dos entrevistados. Ressalta-se que os sujeitos foram identificados pela inicial “E”, abreviação da palavra entrevistado, seguido do número referente a cada participante da pesquisa.

**Quadro 1** - Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Idade (anos)	Formação profissional	Estado civil	Lugar de origem
E1	F	26	Farmacêutica	Solteira	Recife
E2	F	32	Administradora	Casada	São Paulo
E3	M	38	Contador	Casado	Barbacena
E4	M	34	Comerciante	Casado	Rio de Janeiro
E5	M	28	Advogado	Solteiro	São Paulo
E6	F	34	Professora	Casada	Vitória
E7	F	32	Bancária	Casada	Uberlândia
E8	M	34	Engenheiro	Solteiro	Curitiba
E9	F	29	Publicitária	Casada	São Paulo
E10	F	30	Professora	Casada	Rio de Janeiro

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

O Quadro 1 demonstra que os entrevistados são, em sua maioria, do sexo feminino, têm idade variando entre 26 a 38 anos. A maioria casada com formação em áreas distintas, sendo a maioria de outros estados do país.

### **Categorias de análise**

Para a análise e discussão dos resultados, durante a entrevista emergiram as categorias: Conhecimento acerca da Estrada Real; Governo e (des)governo no percurso da Estrada Real; Imagem e cultura: a cidade, na percepção dos entrevistados.

### **Conhecimento acerca da Estrada Real**

Nesta categoria, analisa-se o conhecimento acerca da Estrada Real. Todos os 10 entrevistados afirmaram que conheciam a Estrada Real. Apesar de sutis diferenças entre as percepções individuais acerca de seus propósitos, origem e história, os relatos tramitam em torno do transporte de riquezas do Brasil para Portugal, conforme pode ser observado em E1, E4 e E7.

São os caminhos que a coroa portuguesa na época abriu para transportar o ouro até litoral, para ser levado para Portugal, né? (E6)

Sim, foi o caminho que os portugueses faziam para levar o ouro e metais preciosos de Minas e é o caminho mais radical do Brasil. (E7)

Sim. A Estrada Real é um projeto para incentivar o turismo em Minas Gerais, foi criado depois de estudarem o caminho que os bandeirantes fizeram para escoar o ouro encontrado aqui para a Europa. Eles foram até Diamantina, abrindo o caminho de Paraty e Rio de Janeiro. (E10)

Os entrevistados, em geral, reconhecem a Estrada Real enquanto um patrimônio, muito embora esse reconhecimento não seja relacionado ao termo em si, mas ao conjunto dos bens naturais e culturais que a constituem. Os sentimentos manifestados pelos respondentes são relatados por Marques (2009) quando ressalta que o estado de Minas Gerais é reconhecido como “Polo Nacional de Turismo Cultural”. Nesse aspecto, a Estrada Real assume função primordial para o desenvolvimento desse segmento de

mercado, pois nela se encontram as localidades mineiras mais conhecidas no Brasil e no exterior, com destaque para os Centros Históricos dos municípios de Ouro Preto e Diamantina, além do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Congonhas, que são os três bens do estado inscritos na lista do Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO, em um total de nove sítios brasileiros.

### **Governo e (des)governo no percurso da Estrada Real**

A partir das questões acerca dos conhecimentos dos entrevistados sobre a Estrada Real, identificou-se que os conhecimentos acerca do projeto são razoáveis. A partir dessa percepção, buscou-se compreender a influência das ações governamentais sobre o interesse dos turistas em conhecer o Caminho Velho na Estrada Real. Nesse aspecto, os turistas foram questionados sobre a recordação mais recente da última campanha promovida pelo governo sobre a Estrada Real. E1 e E3 não se recordaram de nenhuma campanha.

Não. Não lembro e nunca vi campanha por parte do governo. Acredito que lá no início divulgaram alguma coisa, mas hoje em dia eu não vejo nada, não. Tudo que eu sei é porque eu pesquiso, mas poderia ter mais campanhas, sim. Mas governo, já viu, né?! (E1)

Por parte do governo, eu não conheço nada, não. Já vi reportagens na televisão e na internet. Até em novela passa muitas coisas de Minas Gerais, mas campanha por parte do governo incentivando a conhecer a estrada eu não vejo. (E3)

Há quem não compreenda a relação do governo com o projeto. Houve quem afirmasse nunca ter visto nada acerca do projeto na televisão ou no rádio, mas que conheceu sobre o projeto em eventos de corridas e, após isso, buscou mais informações na internet (site de busca Google), onde encontrou o próprio site do Instituto da Estrada Real.

Confesso que nunca vi. O que fiquei sabendo é que existia o caminho através das corridas e depois busquei no Google e achei o site da Estrada Real, mas confesso que nunca vi na TV ou rádio sobre o projeto. (E2)

A maioria dos entrevistados entende que o Governo parece não estar muito envolvido com esse tipo de promoção, pois sequer é lembrado por eles. No entanto, há muito conteúdo na *internet*, sinalização nas estradas e menção em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

### **Imagem e cultura: a cidade, na percepção dos entrevistados**

Por último, buscou-se compreender as questões relacionadas à imagem e à cultura dos locais como influenciadores da decisão de visitar o destino. Para isso, os entrevistados foram indagados sobre a imagem que a cidade transmitia. Observou-se a associação com: simplicidade, aspectos históricos e culturais, belezas naturais, arte, comida saborosa e litoral, entre outros aspectos singulares da Estrada Real e, principalmente, do estado de Minas Gerais, conforme afirmam.

Acho que resume bem a simplicidade de Minas Gerais. Da comida, meu Deus! Que comida boa, gente! Do acolhimento. Da história de Minas. Aqui todo mundo recebe a gente bem. Tem um sotaque gostoso de ouvir. E todo mundo é muito simples. É engraçado que todo mundo tem um caso para contar. Eu morro de rir. Meu noivo está gostando muito. Todo mundo conta uma coisa. (U4)

A culinária. A comida daqui é maravilhosa! Só aqui tem. Minas e a comida é a combinação perfeita. Até nesses dias de calor eu não resisto e como até mesmo as comidas mais pesadas. O feijão tropeiro é uma coisa de doido! (TU5)

Sem dúvidas, a comida do estado. Eu já estou levando comigo uns três livros de receitas, para fazer tudo lá em casa. Se eu pudesse, eu levaria os ingredientes também. São tão gostosos. Eu amo cozinhar. Então, a comida daqui, pra mim, é fantástica. (TU8)

Se todo mundo comesse como se comem aqui, eu nem sei, viu. A comida daqui é maravilhosa. É cada tempero! Essa é a maior e melhor lembrança que eu vou levar de Minas. (U9)

O discurso sobre a culinária típica mineira é permeado por referências ao resgate da tradição mineira. De acordo com Abdala (1997), todos os elementos que compõem a chamada “mineiridade” podem ser vistos a partir de um viés que os considere monumentos. Assim, o tropeiro, o movimento da Inconfidência Mineira e seus personagens, tais como, o escravo, o índio e o português, a montanha, a mineração, a



arquitetura colonial, a fazenda, a cozinha, a comida, o consumo alimentar, integram um conjunto de imagens definido como “Cultura mineira”.

A história de Minas Gerais relaciona-se com uma memória intimamente ligada à identidade e às origens do estado, por meio da qual se constrói a identidade individual e coletiva, construção marcada pelas tradições do estado pela simplicidade, apesar de todo o ouro do “Caminho Real”, pelas suas marcas e pelo que se chama de “mineiridade”. Seguem-se as considerações finais deste trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Findada a pesquisa, percebe-se que a construção histórica e cultural da imagem do Caminho Velho da Estrada Real se dá com base nos acervos patrimoniais, históricos e artísticos dos séculos XVIII e XIX, nas tradições, no estilo de vida, nas festas populares, cívicas e religiosas, no artesanato, e na culinária. Constatou-se, neste estudo que o projeto Estrada Real conta com grande potencial turístico, na medida em que se dispõem de atrativos naturais, como, cachoeiras e balneários, além de prédios coloniais, muitos artigos históricos, uma culinária que é referência nacional e a própria trilha histórica do ouro, constituindo-se na maior rota turística do Brasil. Enfim, a Estrada Real é possuidora de uma imagem forte, bela, atrativa e potencial.

O discurso que embasou o sentido e a imagem da mineiridade pertence à memória de identificação coletiva existente em Minas Gerais como patrimônio herdado do passado colonial. Determinados atributos particulares aos mineiros são reconhecidos como inerentes à sua identidade

Pela dimensão cultural de Minas Gerais, não existe apenas uma única identidade, mas identidades. Portanto, a noção de mineiridade que a considera como estratégia de fixação e naturalização de características culturais, de representações simbólicas determinadas, teria mesmo que ser questionada nesse novo quadro social posto pela sociedade contemporânea e seu movimento de globalização e a intensidade de fluxos e discursos por ela trazidos. Por isso é que, se a globalização aumenta a possibilidade de novos contatos, de conhecer outros e outras realidades distantes, de até alterar ou

modificar realidades locais, o que se colocou em discussão e que apresentou necessidade de reflexão foi o conceito de identidade-substância, pois acredita-se na plena capacidade dos sujeitos de conviverem com múltiplas identidades, múltiplos discursos, num movimento de acumulação, e não de exclusão ou substituição total de velhos discursos, velhas identidades por novas (Rocha, 2003).

Reconhecer um espaço como turístico é uma construção histórica e cultural. Dessa forma, na rota cotidiana das cidades mineiras transparece a vivência, os símbolos e a memória de homens e mulheres de épocas diversas, sendo inflamadas pela mineiridade.

“O discurso da mineiridade é apropriado de modos variados. As maneiras de ver, viver e assistir são construtos socialmente ancorados, o que revela que a mineiridade é diversamente apropriada nas diferentes regiões culturais” (Rocha, 2003, p.68).

Assim, encerra-se o presente estudo com a sensação de que se fez uma pequena amostra que Minas são muitas e várias. Dessa forma, os estudos sobre as Minas Gerais e a mineiridade podem levar a inúmeras veredas.

O tema desenvolvido, o turismo pelo viés da mineiridade, tem espaço para novas pesquisas científicas. Neste sentido, sugere-se que sejam desenvolvidos estudos que possibilitem ampliar a análise da mineiridade como potencial turístico. Assim, é possível esclarecer, de forma mais ampla e profunda, o processo do desenvolvimento da atividade turística através da valorização de elementos diferenciados do lugar.

## REFERÊNCIAS

Abdala, M. C. (1997). *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. EDUFU-Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

Afonso, j.; Martino, n.; Boas, m. V.; Podestá, r.; Félix, c. (2015). *Minas de tantos geraes*. IL. V.2. Belo Horizonte: Veredas Editora, 2015. 320p.

de Aguiar, M. S. (2007). Poesia e identidade em Minas Gerais: a construção da memória. *Cadernos de História*, 9(11), 99-112.



- Andrade, C. D. D. (1992). *Carlos Drummond de Andrade: poesia completa*. Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro.
- Arruda, M. A. (1999) *Mitologia da Mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Barbará, S., Leitão, M. C. D. S., & Fontes Filho, J. R. (2007). A governança regional em turismo: realidade? Estudo de caso sobre o destino Estrada Real. *Cadernos EBAPE. BR*, 5(4), 01-16.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo (Edições 70)*. Lisboa. Portugal.
- Bomeny, H. M. B. (1994). *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Editora UFRJ.
- Collis, J., & Hussey, R. (2005). *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. Bookman.
- Costa, A. G. (2005). *Os caminhos do ouro e a Estrada Real*. Editora UFMG.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens*. Penso Editora.
- Dias, F. C. (1985). Mineiridade: construção e significado atual. *Ciência & Trópico*, 13(1).
- Dulci, O. S. (1999). *Política e recuperação econômica em Minas Gerais (Vol. 37)*. Editora Ufmg.
- Fausto, B. (2002). *História concisa do Brasil (1 reimpressão)*. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Ed.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.
- Girard, R. (2008) *A violência e o sagrado*. Trad. Martha C. Gambini. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Da Silva, A. B., Godoy, A. S., Godoi, C. K., Balsini, C. P. V., De Freitas, H. M. R., Macke, J., ... & Bandeira-de-Mello, R. O. D. R. I. G. O. (2017). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais*. Editora Saraiva.
- Iglesias, F. (1992). *História política de Brasil [1500-1964]*. MAPFRE.
- Lima, A. A. (1946). *Voz de Minas:(ensaio de sociologia regional brasileira)*. Agir.



Marques, D. A. D. (2009). *Estrada Real: patrimônio cultural de Minas Gerais (?)*: um estudo de Diamantina e Serro.

MARTINS, S. (1992) Caminhos de Minas. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações

Pereira, M. F. (2012). Músicas da propaganda institucional/2011 da Rede Globo Minas: revisitando memórias de Minas Gerais. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, (5), 1-8.

Pernisa, M. B. (2011). *A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora.

Pires, M. D. C. (2017). Das Viagens dos Cientistas no Século XIX aos Modernistas: a Mineiridade e o Despertar do Turismo das Cidades Históricas de Minas Gerais, Brasil. *Rosa dos Ventos*, 9(3), 405-416.

Pires, M. J. (2002). *Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*.

Richardson, M. K., Minelli, A., & Coates, M. I. (1999). Some problems with typological thinking in evolution and development. *Evolution & Development*, 1(1), 5-7.

Rocha, S. M. (2003). *A "mineiridade" em questão: do discurso mítico ao discurso midiático* (Doctoral dissertation, Tese de doutorado. Escola de Comunicação. UFRJ, Rio de Janeiro).

Rosa, J. G. (1992). *Sagarana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Universal.

Rosa, J. G (1957). Poema a Minas Gerais. Revista O Cruzeiro.

Sabino, F. (1982). Minas Enigma. *A inglesa deslumbrada*. Rio de Janeiro: Record.

Sarmiento, M. (2004). Análise dos impactos do turismo no desenvolvimento sustentável das regiões. *Lições de turismo*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 12-35.

Thiry-Cherques, H. R. (2009). Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista PMKT*, 3(2), 20-27.

VASCONCELLOS, S. (1981). Mineiridade: ensaio de caracterização. São Paulo: Abril Cultural Editora



**Ateliê do Turismo**  
(ISSN: 2594-8407)  
Campo Grande, v. 3, n. 2., p. 26-50, jul-dez 2019.



---

<sup>i</sup> Licenciado e Bacharelado em Geografia em Análise Ambiental pelo Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH (2009), Formação complementar na Universidade de Coimbra UC Portugal de Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (2009). Pós-graduação Lato Sensu em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (2012), Mestrado em Administração pelo Centro Universitário Unihorizontes. E-mail: alexandrenick1@yahoo.com.br